

## ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA: O SABER EM MOVIMENTO E EM (RE) VISTA

Maria Cleci Venturini<sup>1</sup>

O devaneio é uma fuga para fora do real, nem sempre encontrando um mundo irreal consistente. Seguindo a ‘inclinação do devaneio’[...], a consciência se distende se dispersa e, por conseguinte, se obscurece. (BACHELARD, 2009, p. 5)

Somente quando a alma e o espírito estão unidos num devaneio pelo devaneio é que nos beneficiamos da união da imaginação e da memória. (BACHELARD, 2009, p. 99)

O título do nosso texto, no qual ao mesmo tempo que pensamos sobre o saber em movimento, trazemos a história e a memória e fazemos isso porque temos nos dedicado a pensar na história e na Análise de Discurso, como campos disciplinares que se constituem na interface. Ancoramos o nosso dizer em Veyne (1998) para quem a história é uma versão e se aproxima da ficção com a diferença que o documento é que sustenta o acontecimento histórico e, também, que este campo busca aproximar-se do acontecimento datado. Conforme Venturini (2021, p. 162) propõe-se a pensar o funcionamento da história e da memória, na Análise de Discurso e sublinha que esse posicionamento não significa “assumir a dependência positiva com a história, mas reforçar que como disciplina ela [a história] instaura marca de acontecimentos, de vivências e faz parte da formação social”.

Ainda em relação ao título, vale destacamos a partir de Paim (2013, p. 98) que as revistas acadêmico-científicas estão “a serviço da circulação do conhecimento” e que elas têm o “papel relevante e de institucionalizar uma ideia, uma teoria, até mesmo nascer um novo campo, na medida em que se constituem como um espaço capaz de produzir unidade e de dar legitimidade ao que se faz e ao que se produz enquanto conhecimento” (PETRI e SCHERER, 2015, p. 19). Como o nosso foco é apresentar o vol. 12, no. 04 da Revista Interfaces, não temos como deixar de enfatizar o trabalho com a língua e as interfaces decorrentes desse trabalho na produção do conhecimento.

Sublinhamos, ainda, trazendo a produção do conhecimento envolve a ciência e esta não se produz de modo descontínuo, conforme nos ensina Scherer (2013, p. 133) “produzir ciência é produzir

<sup>1</sup> Doutorado em Letras (UFSM), docente dos Programas de Pós-graduação em Letras da UNICENTRO e da UFPR. Editora da Revista Interfaces.

conhecimento em uma certa ordem em uma certa época, em certas condições de produção [...] produzir conhecimento é um trabalho permanente de demarcação de lugares” e de políticas editoriais, que indicam, conforme Petri e Scherer (2015) pelas quais cada revista indica quem pode publicar e o que pode ou não ser publicado e isso é o que designamos de ‘escopo’ do periódico.

Essa política editorial vai indicar, também, a periodicidade de circulação do periódico, delimitando, de certa forma, quem pode escrever e quem vai ler os artigos publicados. A Revista Interfaces, que nos interessa nesse texto, surgiu da emergência do Curso de Letras, da UNICENTRO, em torno da verticalização, representada pela criação de pós-graduação *stricto sensu* em Letras. Mesmo sem termos aprovado o curso, começamos a trabalhar na criação de uma rede que legitimasse e identificasse curso e revista. Assim, nesses doze anos, a revista Interfaces e o Curso de Pós-graduação foram se institucionalizando por meio de processos de disciplinarização, como já foi destacado, determinando que pode e não pode ser uma revista, ser um curso de pós-graduação.

Trazer as epígrafes recortadas da obra *Devaneios*, de Bachelard teve o objetivo de dar visibilidade à poesia e ao ‘espírito científico’ presentes no pensamento científico e na linguagem. Pela primeira epígrafe ressoa que o devaneio é uma fuga “para fora do real, nem sempre encontrando um mundo irreal consistente” e, na segunda, temos a relação entre devaneio e imaginação, que possibilita ‘o benefício’ da memória. Arriscamos a dizer que a produção do conhecimento não prescinde da língua e nem da linguagem.

Vemos que as ‘interfaces’ constituem o movimento dos saberes em (re)vista e o - re - entre parênteses encaminha para a palavra ‘vista’, buscando estabelecer a relação entre produção e circulação do conhecimento. Entendemos que Bachelard, por ele mesmo, quando trata do

devaneio, da narração, do espírito científico dá visibilidade ao conhecimento produzido na relação entre campos do saber. A revista é ao mesmo tempo uma forma de fazer produzir e de fazer circular o conhecimento e a revista Interfaces, que recortamos neste texto está, como destacou Paim (2013) à serviço de pesquisadores, incluindo mestrandos, mestres, doutorandos, doutores mais ou menos experientes. Todos eles, entretanto, como nos ensina Bachelard (1996) partem de reflexões, de um antes, de um depois, mas não estacionam em pesquisas já realizadas, pelo contrário, estão sempre colocando o conhecimento em suspenso, abrindo a possibilidade de incluir o – A MAIS – O QUESTIONAMENTO, A ABERTURA.

De acordo com Petri e Scherer (2015, p. 15) o compromisso de um periódico é fazer ‘circular o saber e é por meio dele que podemos compreender “o processo de divulgação e circulação do conhecimento sobre a língua e sobre a linguagem”. Além disso, centrar em um periódico e refazer o seu percurso pode ajudar a compreender “não só a história, mas também a importância de uma política científica editorial para o fazer acadêmico de uma determinada época”(PETRI e SCHERER, 2015, p. 15). Dito isso, propomos rever o ano de 2021, sublinhando que foi um tempo perpassado de expectativas, de lutas e quando está prestes a terminar o sentimento que nos invade é o de ‘dever cumprido’, entremeado de agradecimentos por termos podido viver/conviver e de ter conseguido cumprir metas e de ter, eventualmente, falhado. Em 2021, como temos feito há doze anos, continuamos a promover o crescimento da revista que começou publicando duas edições anuais com oito artigos cada uma; depois passou para quinze artigos.

Nesse crescendo e dizemos crescendo porque falamos em percurso, do crescimento e consolidação da Revista Interfaces. Em 2015, passamos a publicar edições trimestrais com quinze artigos e passamos para 20 artigos e, a

partir de 2016, incorporamos um dossiê por ano. Em 2021, publicamos, portanto, quatro edições da revista, chegando a sessenta artigos em edições normais e mais um dossiê com dezenove artigos. Podemos dizer que alcançamos pesquisadores e pós-graduandos de todo o Brasil e acrescentar que o cumprimento dessa meta significa vitória, considerando que 2020 foi um ano difícil e 2021, vimos a crise se aprofundar. O aprofundamento da crise não aconteceu somente devido à pandemia, mas também, pelos ataques à pesquisa, aos professores, à educação, enfim, à ciência como um todo.

Tendo presente as dificuldades, lembramos que esta é a última edição de 2021, mas não foi fácil concluí-la: .os desafios são/foram bastante grandes e foram suportáveis e minimizados pelas parcerias de articulistas, avaliadores ad docs, diagramador, leitores, enfim pela presença e atuação daqueles que trabalham no coletivo e valorizam a produção do conhecimento, que acontece por meio de pesquisa e tudo que a envolve. Infelizmente, avaliar artigos, editar periódicos e trabalhos afins não têm sido valorizados como merecem. O que nos conforta é a atuação e presença de pesquisadores e colaboradores sempre dispostos a contribuir com as publicações e circulação da revista, pois sabemos que um periódico não “se produz” e nem circula sem equipes. A revista é como uma engrenagem, em que a falta de um, compromete o todo.

A produção do conhecimento conduz à transformação pela qual, conforme Bachalard (1996, p. 21), o pesquisador, que é movido pelo espírito científico “deseja saber, mas para, imediatamente, melhor questionar”. Não falamos, portanto, de um saber fechado, concluído para todo o sempre, mas de práticas ‘passam’ pela reflexão e pela experiência precedida, conforme Borges (2007), por uma construção intelectual, que não prescinde de planejamentos e do questionamento das teorias e interpretações fechadas. Os

pesquisadores priorizam o conhecimento que escapa ao senso comum e se dedicam a “precisar, retificar, diversificar [...]”, fugindo das certezas “que encontram nos sistemas homogêneos mais obstáculos do que estímulo”.

Em favor das interfaces e dos entremeios salientamos que a divisão das ciências em espaços fechados, muitas vezes, dificulta a circulação do conhecimento como movimento, como a possibilidade de desenvolver o espírito científico e de fazer a ciência avançar criticamente, sem aceitação passivas. Nos entremeios, os saberes promovem a transformação e é essa a função de uma revista, alcançar o outro, instaurar o acontecimento que é dado a ler a partir de textos/discursos em que o sujeito se faz autor.

Ser autor significa, conforme Orlandi (2004), historicizar o dizer, constituindo-o em discurso, convocando o sujeito-leitor a assumir a posição de interlocutor, realizando o movimento dos saberes que vêm do interdiscurso e se encontram com o saber da atualidade. Nesse movimento, instauram-se redes de sentidos e, conforme Pêcheux (1997), a partir de sujeitos e para sujeitos, constituindo efeitos e sentidos e a possibilidade do novo. Dizemos tudo isso para destacar que a função de uma revista é movimentar pesquisas, promover encontros e desencontros, fazendo história pela possibilidade de construir versões, encaminhando para a interpretação, fazendo memória.

A revista Interfaces, em 2021, completou doze anos de circulação e isso significa ter uma história, isto é, temporalidades, envolvendo o passado, o presente e um devir que se compromete com a interface entre língua, literatura, ensino, cultura, mídia, colocando em prática uma proposta que aproxima o conhecimento de todos os sujeitos pela divulgação, fazendo a passagem entre o científico, o pré-científico e o cotidiano, que vemos como movimento de sujeitos.

Abrimos esta edição com o artigo “Efeitos de diversidade na parentalidade: uma análise discursiva da #Transparentalidade no instagram”, de autoria de Aline Fernandes de Azevedo Bocchi e Rita Moreira Gomes, da Universidade de Franca – UNIFRAN, que se inscreve na Análise de Discurso e na Psicanálise e se propõe a discutir os deslizamentos de sentidos produzidos pela paráfrase “família transdiconal brasileira”, pensando na emergência de corpos políticos – o dos sujeitos que se produzem como efeito dos discursos da maternidade, da paternidade e da família permeados por efeitos e memória que ressoam da constituição histórica da família nuclear burguesa. Os pesquisadores defendem a necessidade de serem lançados novos olhares sobre as relações parentais e para o conceito de família.

Já o artigo “Tentativas de acerto: a incidência da variedade linguística sobre a produção textual escrita por estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental” enfoca os desvios ortográficos em produções textuais escritas por alunos das séries iniciais do ensino fundamental de escolas públicas do interior do Maranhão. Tem como interlocutores, muito provavelmente, os professores que se preocupam com a produção do conhecimento escrito, que circula pouco entre os pares e se destina a docentes, que pensam a escrita, com a língua posto em práticas. Jancen Sérgio Lima de Oliveira, mestrando em Letras, na Universidade Federal do Piauí, parte do pressuposto de que os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental apresentam desvios das normas impostas à Língua Portuguesa e mostra a necessidade de os professores estarem preparados para lidar com essas dificuldades e destaca que a classificação dos ‘desvios’ como ‘erros’ não produz resultados eficientes.

Na interface entre língua e literatura, a pesquisa realizada por Flávia Luciano Santos (UNINCOR) tem como foco o livro de crônicas de Fernando Bonassi “A boca do mundo”, publicado

em 2007 e aborda os modos de representação da violência. A obra de Bonassi pauta-se em acontecimentos do cotidiano da grande cidade e mostra que os menos favorecidos são vítimas de um sistema social opressor excludente, que pode resultar em uma violência estrutural, muitas vezes direta. O recorte, realizado pela autora, dentro da obra, foi “Nossa Senhora Aparecida” e dá visibilidade a um personagem que de torneiro mecânico passa a ser guardião de um bairro violento e se configura como vítima de um sistema capitalista que naturaliza a violência e a exploração. Há, nesse artigo, a presença do religioso em práticas sociais em linguagem, fazendo a passagem entre o científico e o cotidiano, que torna visível o conhecimento transformado pela reflexão.

Felipe dos Santos Matias (UNILA), em seu artigo, propõe-se a discutir ressonâncias da lírica moderna na poesia contemporânea, encaminhando para a possibilidade de desdobramentos da crise do sujeito a partir de três poetas: Paulo Henriques Britto, Francisco Alvim e Iacyr Anderson Freitas. O corpus se constitui de poemas selecionados desses três autores, destacando questões relativas à crise do sujeito na sociedade capitalista, destacando como nomes fundamentais Charles Baudelaire, fundador do conceito de modernidade e Stéphane Mallarmé que desenvolveu a ideia de modernidade na linguagem, “fazendo do espaço do poema uma tela de jogo”. Segundo o autor Baudelaire e Mallarmé são considerados precursores do lirismo vanguardista, juntamente com Poe, Verlaine Rimbaud e Valéry e Friedrich.

No artigo “Entre a liberdade e o controle do sujeito: empresariamento e biopoder da vida íntima na contemporaneidade”, Anísio Batista Pereira (UFU/FAPEMIG) e Bianca Ayala Melo Di Alencar (Universidade Federal de Catalão – UFCAT) problematizam/refletem sobre os desejos de prazer capturados e objetivados por estratégias de empresariamento. Com vistas a alcançar o

objetivo proposto, os pesquisadores constituem o corpus com propagandas de produtos sexuais e de reportagens sobre as determinações governamentais em relação a essas práticas, buscando proibi-las. O aporte teórico que sustenta as análises vem de Foucault, especialmente, dos conceitos de sexualidade, subjetividade e biopolítica/biopoder. Para da conta das questões relacionadas à cultura de empresa e à nova subjetividade são destacados os teóricos Pierre Dardot e Christian Laval.

Ana Terra dos S. Araújo Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e Elizabeth Gonzaga de Lima (UNICAMP) apresenta o artigo “A experiência da submissão feminina em Cinquenta tons de cinza e propõe a análise da experiência de submissão da personagem Anastasia do livro Cinquenta tons de cinza (2012) da autora E. L. James. As autoras perguntam-se sobre como explicar o fenômeno de audiência de uma trama que explora o comportamento submisso da protagonista em uma sociedade marcada pela constante luta das mulheres em prol da igualdade. Segundo as autores é evidente, na contemporaneidade, o funcionamento de práticas que naturalizam relações amorosas marcadas pelo sadomasoquismo e pela submissão legitimadas pelo amor que vence barreiras. À guisa de conclusão, destacam que pensar esse lugar de submissão destinado à Anastasia consiste em enfrentar uma construção social cristalizada, que reafirma a submissão das mulheres em prol de um suposto amor e do bem-estar da relação.

No texto, “Leitura de imagem da G Magazine: maldizer, olhar verdadeiro e insinuações da carne”, Lucas Nascimento (UFRJ) analisa as relações semântico-discursiva em leitura de fotografia digital de capa publicitária, em edição de maio de 2010 da G Magazine a partir dos fundamentos teóricos de Pêcheux e de Foucault. A proposta consiste em investir sobre a leitura de policromia na fotografia digital e no movimento ocular, centrando-se na ocorrência presente no desejo da

mudança de direção visual, conforme discutido por Nascimento (2018; 2019). Essa trama tem sua correspondência na interpretação que assegura a elaboração da resposta “Sim” ou “Não” diante da questão proposta em experimento de leitura imagética. Os resultados destacam a (in)visibilidade do maldizer verdadeiro em declaração de um sujeito pertencer ao grupo heterossexual e o maior tempo de fixação de seu olhar na cueca e no rosto do modelo fotográfico. Portanto, destacaram-se as insinuações da carne e os sentidos do olhar.

Patrícia Martins Alves do Prado (UEG), Fernanda Nunes de Araújo (UEG), Karla Nunes de Souza (UEG) ancoradas em Roland Barthes, Gérard Genette, Antônio Cândido e Eurídice Figueiredo analisam elementos da narrativa ficcional em A Nova Ordem, de B. Kucinski. As autoras buscam identificar as estratégias e os recursos literários utilizados pelo autor para tecer o enredo do romance e construir suas personagens de ficção. A obra, em tela, foi escrita em 2019 e mescla ficção e realidade ao retratar acontecimentos que retomam um país gerido por militares, cuja intenção maior é manipular a sociedade, perseguindo os “utopistas” e exterminando as minorias, com o objetivo de conquistarem a hegemonia e se manterem para sempre no poder. O autor do texto analisado viveu no período da ditadura militar brasileira e, a partir dessa vivência constrói uma narrativa orquestrada de forma a influenciar o leitor, levando-o a assumir uma posição engajada e crítica.

Com o artigo “Constituições identitárias na formação inicial em letras e os discursos envolventes sobre o que é ser professor”, os pesquisadores Rita de Cássica Souto Maior, Dara Raiza Melo de Souza e Antônio Carlos Santos de Lima da UFAL buscam saber qual a concepção de ensino-aprendizagem e de ser professor na contemporaneidade estão presentes na formação inicial em Letras. As análises pautam-se nas noções bakhtinianas de língua, na identidade como

construção social e na de discursos fossilizados nos movimentos de interação. O resultado da pesquisa apontou para práticas inovadoras, mas também aspectos tradicionais sobre o ensinar o aprender línguas, apontando tensões identitárias sobre ser docente. Os fundamentos teóricos vêm da Linguística Aplicada e se centram nas constituições identitárias de estudantes do Curso de Letras de uma universidade pública do Brasil.

Com o objetivo de analisar a concretude das relações na e pela linguagem constituídas no interior do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) de Florianópolis as articulistas Arielle Helena Holz Nunes (UFSC) e Vanessa Goes Denardi da (UDESC) nos apresentam o artigo “As encruzilhadas de um mar de mil caminhos: a loucura, a linguagem e os sujeitos no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis”. Teoricamente partem da concepção de sujeito louco e instintivo presentes em textos de Foucault (1995, 2000b, 2001, 2008, 2014), de Deleuze (2004) e de Augsburg (2017), permite centrar o olhar sobre o modo como ocorre a interação entre o eu, o outro e o mundo dentro do HCTP, buscando saber em que medida a linguagem estimula e incentiva os pacientes-internos a construir essas relações com vistas a compreender a rotina do HCTP pelo viés da ressocialização de sujeitos historicamente excluídos e segregados no meio social.

Com o artigo “Crítica e diferença: o narrador do conto “Corações Solitários”, de Rubem Fonseca, como metáfora do escritor latino-americano”, o doutorando da PUC-Minas Arthur Almeida Passos propõe-se a investigar se o narrador construído no conto de Rubem Braga pode ser lido como metáfora do escritor latino-americano, tal como foi definido por Silviano Santiago, no ensaio, “O entre-lugar do discurso latino-americano”. Para alcançar o objetivo proposto, o articulista delimita dois caminhos, no primeiro examina a composição das esferas informativa e ficcional da escrita e, na

segunda, analisa a elaboração do narrador como leitor com ênfase em aspectos que poderiam ser observados como antropofágicos. À guisa de conclusão, o pesquisador destaca que o narrador do conto “Corações solitários”, de Rubem Fonseca funciona como metáfora do escritor latino-americano, definido por Silviano Santiago.

Robson Evangelista dos Santos Filho (PPGICS/ICICT) e Mariana Ramalho Procópio (UFV), abordam a exposição das intimidades e dos segredos, nas fronteiras entre público e privado e colocam como objetivo de historicizar e problematizar práticas profissionais a partir das narrativas de vida, compreendidas sob uma perspectiva discursiva. O título do artigo é “A publicização do privado: narrativas de vida, ‘Confissões’ e HIV” e a partir dele o leitor pode compreender que se trata de experiências confidenciais por sujeitos inscritos na condição de soropositivos, tornando públicos aspectos da sua vida privada, por meio de relatos da experiência com o vírus e de vídeos no Youtube, colocando a público seus diários pessoais. Segundo o autor essa publicização funciona discursivamente como uma “segunda saída do armário” e como importante ação política, sinalizando para a lua e a resistência.

No artigo, “Pode um soro positivo falar? Coragem da verdade e o estigma das relações de pessoas vivendo com HIV”, Joseeldo da Silva Júnior (UFPB) apresenta um corpus estruturado por cinco séries enunciativas retiradas de um grupo privado do WhatsApp. A noção coragem de verdade mostra que há uma vontade de verdade produzida pelas pessoas que vivem com HIV/aids (PVHA), que vem acompanhada do receio da rejeição e de investidas preconceituosas cujo desfecho recai no afastamento e sofrimento desses sujeitos. Metodologicamente, a presente pesquisa se caracteriza por ser de cunho qualitativa com viés descritiva-interpretativa e toma como base teórica a arqueogenealogia de Michel Foucault.

“Poesia, memória e pós-colonialismo: notas sobre A pátria dividida, de Néelson Saút”, de autoria de Cléber da Luz, Fernanda Garcia Cassiano (UEM) e de Fernanda Garcia Cassiano propõe-se a auscultar algumas facetas da produção em poesia de Nelson Saúte, importante poeta moçambicano, em uma vertente de análise pós-colonial, que fundamenta e representa a formação dos sujeitos moçambicanos. Tomando os poemas de A pátria dividida (1993), observa-se uma dicção metapoética em função da construção de uma memória paradoxalmente individual e coletiva, a partir da qual reverbera um pathos melancólico, essencialmente elegíaco, em decorrência de um chão marcado pelos traumas de uma guerra.

O conceito de heterogeneidade, no artigo “Heterogeneidade e(m) discurso: algumas reflexões sobre o outro e o diferente”, de Heitor Pereira de Lima, da PUC-Minas é deslocado para a perspectiva da Análise de Discurso, priorizando a enunciação e seus efeitos ilusórios em detrimento do gramatical. A proposta destaca pelo autor consiste na compreensão da noção de diferença e de heterogeneidade, recortando excerto de tese, e que será analisada as formas explícitas da heterogeneidade, partindo de dois pressupostos, quais sejam: 1) o locutor não se apresenta como simples “porta-voz” no discurso direto; e, 2) há a possibilidade de estruturar uma heterogeneidade constitutiva marcada. Os teóricos que fundamentam a pesquisa são, dentre outros, Mikhail Bakhtin, Jacqueline Authier-Revuz e Eni Orlandi.

O artigo “O papel da metáfora na tessitura textual e na sociocognitiva das músicas interpretadas pela cantora Joelma”, Bruno de Jesus Espírito Santo (UFBA) toma como objeto de estudo a cantora Joelma, no DVD Banda Calypso Pelo Brasil (2006) que se apresentou para mais de 200 mil pessoas, cantando músicas românticas. A teoria que sustenta as análises é a da Metáfora Conceptual e seus desdobramentos a partir de

(LAKOFF; JOHNSON, 1980; SALOMÃO, 1999; KÖVECSES, 2002, 2003, 2005; VEREZA, 2007, 2010; SOARES DA SILVA; LEITE, 2015; ABREU, 2015; SOUSA, 2016). Segundo o autor, as metáforas, “a paixão é uma doença”, “a overdose é um remédio” e “promessas são máquinas”, “a razão é um ser humano”, além de modelarem a tessitura de sentido dessas canções, funcionaram como microfones das emoções e das subjetividades transmitidas nas músicas.

Ana Paula Santos de Souza (UERN) com o artigo “A polaridade no podpsi “o que achamos do filme 365 DNI” objetiva analisar os usos da Polaridade no podpsi intitulado “O que achamos do filme 365 DNI”. O corpus selecionado constitui-se de podcast, gênero oral, que é uma ferramenta de uso crescente de exposição de opiniões e de disseminação de informações acerca de temas variados. A ancoragem teórica vem da Gramática Sistemico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), considerando que a Polaridade como um recurso que se refere à “escolha entre positivo e negativo” (FUZER; CABRAL, 2014). Esse recurso é inerente à construção de uma situação comunicativa que encaminha para conclusões indicativas de que os recursos léxico-gramaticais são produtivos nos usos da polaridade na análise dos textos selecionados.

O artigo produzido por Marcio José de Lima Winchuar, Leilah Santiago Bufrem e Diego Paiva Bahls enfoca práticas de leitura em escolas do campo, priorizando àquelas com organização multiseriada. Nas escolas do campo, segundo os autores, a leitura assume uma dimensão revolucionária, permeada pela luta pelo direito à vida, à terra e à educação e passa a fazer parte do cotidiano do camponês. Teoricamente, vemos essa prática mostra a diferença entre aquisição da escrita e letramento, sinalizando que saber ler é mais do que decifrar palavras, constituindo-se como letramento, em que o sujeito assume posição crítica diante de

situações sociais, agindo sobre elas, lutando para transformar a formação social. O artigo é resultado de um estudo exploratório, em campo, em que são analisados dezesseis questionários semiestruturados que foram respondidos por educadores atuantes em escolas situadas na região Centro Sul do estado do Paraná. A conclusão dos autores foi que mesmo em condições de produção desfavoráveis, os docentes fundamentam o seu trabalho pedagógico em autores que defendem a potencialidade da leitura na sociedade, promovendo a reflexão crítica.

O artigo intitulado “Letramento acadêmico: estratégias simplificadoras de leitura e compreensão de textos didáticos” produzido por Elisabeth da Anunciação Amorim, Pedro Perini-Santos apresenta o resultado de uma pesquisa teórica exploratória sobre a utilização de estratégias simplificadoras de leitura e escrita na compreensão de textos acadêmicos. Os autores tomam como corpus analítico textos didáticos advindos de cursos de graduação da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri com o objetivo de apontar e justificar proposições relativas à inteligibilidade do texto didático, considerando fatores linguísticos, mais precisamente, os elementos semânticos e lexicais que contribuem no processo comunicativo no contexto universitário. Universitário, que possibilitam a aplicação de estratégias facilitadoras na compreensão do material didático em uso nesta esfera discursiva.

Kelly Fernanda Guasso da Silva (UFSM) e Fidah Mohamad Harb (UFSM) nos apresentam o artigo “Palavras-conceito em funcionamento: reflexões sobre a produção do conhecimento a partir da Análise de Discurso”. O ponto de partida é a observação de trabalhos científicos que não se inscrevem na Análise de Discurso, mas lançam mão de palavras que figuram como conceito nesse campo teórico. O objetivo das pesquisadoras é mostrar que a Análise de Discurso embasa teórica e metodologicamente a produção do conhecimento

em ocorrências em que pesquisadores tomam palavras-conceitos do campo discursivo e conferem mais um lugar teórico à pesquisa.

Apresentados os textos que compõem esse número da Revista Interfaces e as discussões teóricas que dão visibilidade ao trabalho da língua, na história e nas interfaces, concluímos, sublinhando a importância de os saberes se movimentarem, de serem colocados em suspenso com a finalidade de aprimorar, de instaurar diferenças dentro das igualdades e de destacar a importância da ciência, ainda que. As ciências sociais, humanas e artísticas não tenham a visibilidade a valorização merecidas. Boa leitura.

## Referências

- BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- Borges, Regina Maria Rabello. Em debate: cientificidade e educação em ciência. (2ª edição ed.) rev. Ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, pp. 118, 2007.
- SCHERER, A. E. Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (orgs). Análise do discurso: heranças, métodos e objetos. São Carlos, SP: Claraluz, 2009.
- PAIM, Zélia Maria Viana. Ora, nenhum pesquisador é imortal. Santa Maria/RS: Fragmentum, N. 37. Laboratório Corpus: UFSM, Abr./ Jun. 2013, p. 97-112.
- PETRI, Verli; SCHERER, Amanda Eloina. ORGANON: entre a história e a memória no institucional acadêmico-científico do Sul do Brasil. Organon, Porto Alegre, v. 30, n. 59, p. 15-39, jul./ dez. 2015. <https://seer.ufrgs.br/organon/article/>



view/57091, acesso em 05 de jan. de 2022.

VENTURINI, Maria Cleci. Discussões sobre história e memória na Análise de Discurso e na História. In: ZANDWAIS, Ana; RASIA, Gesualda dos Santos. Relações entre discurso e história. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2021., p. 161-185.

VEYNE, Paul M. Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história. Trad. Alda Baltar; Maria A. Kneipp. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1998.